



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
PERNAMBUCO**

Campus Recife / Direção de Ensino

Departamento Acadêmico de Meio Ambiente, Saúde e Segurança

Curso de Licenciatura em Geografia

CLAUDIA DOS SANTOS XAVIER

**AS RELAÇÕES SOCIOESPACIAIS DOS MORADORES DA VILA DE NAZARÉ
COM O PARQUE METROPOLITANO ARMANDO DE HOLANDA CAVALCANTI,
CABO DE SANTO AGOSTINHO-PE**

RECIFE

2020

CLAUDIA DOS SANTOS XAVIER

**AS RELAÇÕES SOCIOESPACIAIS DOS MORADORES DA VILA DE NAZARÉ
COM O PARQUE METROPOLITANO ARMANDO DE HOLANDA CAVALCANTI,
CABO DE SANTO AGOSTINHO-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Recife, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Wedmo Teixeira Rosa

Recife

2020

X3r Xavier, Claudia dos Santos.

2020 As Relações Socioespaciais dos Moradores da Vila de Nazaré com o Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti, Cabo de Santo Agostinho-PE / Claudia dos Santos Xavier. – Recife: O Autor, 2020.

65 f.: il

TCC (Curso de Licenciatura em Geografia) – Instituto Federal de Pernambuco, Departamento Acadêmico de Ambiente, Saúde e Segurança - DASS, 2020.

Inclui Referências

Orientador: Prof. Dr. Wedmo Teixeira Rosa

1. Patrimônio Cultural. 2. Lugar. 3. Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcante - Vila de Nazaré - PE. 4. Cabo de Santo Agostinho – PE. I. Rosa, Wedmo Teixeira, (orientador). II. Instituto Federal de Pernambuco. III. Título.

CDD 333.783

Catálogo na fonte: Bibliotecário Cristian do Nascimento Botelho CRB4/1866

CLAUDIA DOS SANTOS XAVIER

**AS RELAÇÕES SOCIOESPACIAIS DOS MORADORES DA VILA DE NAZARÉ COM O
PARQUE METROPOLITANO ARMANDO DE HOLANDA CAVALCANTI, CABO DE SANTO
AGOSTINHO – PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – *Campus Recife*, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e **APROVADO** em 22 de dezembro de 2020 pela Banca Examinadora:

Wedmo Teixeira Rosa (IFPE/CGEO) – Orientador
Doutor em Geografia – UFPE

João Paulo Gomes de Vasconcelos Aragão – Examinador Externo
IFPE – *Campus Garanhuns*
Doutor em Desenvolvimento e Meio Ambiente – UFPE

Clézia Aquino de Braga (IFPE/CGEO) – Examinadora Interna
Mestre em Geografia – UFPE

Recife – PE
2020

Dedico este trabalho a todos aqueles que estiveram do meu lado nessa jornada, e a
bela Cidade do Cabo de Santo Agostinho.

AGRADECIMENTOS

Durante algum tempo eu fiquei imaginando as pessoas que estariam aqui, espero que aquelas da qual o nome não estão não fiquem sentidas, cada uma está guardada de uma maneira única no meu coração e na minha mente.

Eu escutei em algum lugar uma vez que mais importante que a caminhada da vida em si, são os laços que você cria durante o percurso. Eu criei laços tão fortes quanto a mais forte das correntes, vocês são especiais, espero que sempre se lembrem disso.

Primeiramente quero agradecer as pessoas que me deram a vida, Painho e Mainha, eu tive muita sorte e fui muito abençoada ao ter pessoas tão incríveis ao meu lado, vocês são os melhores do mundo.

A Wedmo, por sua paciência, por me acalmar em determinados momentos de desespero e por acreditar em mim e me dar liberdade criativa, se alguém me perguntar quem foi Wedmo nesse momento da minha vida, eu direi “Wedmo? Para o desesperado, é a calma e paciência”.

Aos meus companheiros de jornada e diversão, Jederson e Joyce, assim como também Wallace, Diogo e Felipe. Jederson com seu jeito tranquilo e que compartilhou comigo grande parte das produções e trabalhos ao longo do curso, e Joyce com seu bom humor, sempre animando a todos com sua luz, comparável apenas com a que é emanada pelas estrelas, sua simpatia deveria ser alvo de estudos de tão grande que é.

Aos amigos que estão comigo por uma longa data e que me deram puxões de orelha e me incentivaram, obrigado por estarem ao meu lado, Bia, Bego, Bruna, Jooy, Keth e WallA uma pessoa que me ajudou muito e que eu espero guardar por toda a minha vida, você é incrível e foi uma das pessoas mais maravilhosas que eu já conheci, Dani, essa é pra você.

As pessoas que me animavam durante um percurso tão longo e durante tanto tempo: Danyllo, Daniel, Leo, Ruan, Tay, Thalles, Maria que tanto me ajudou, Mário, Caio e meu tão querido João, vocês são um máximo.

As minhas colegas de quarto nas aulas de campo e parceiras de seminários Belly e Jacy, assim como também a Deivid, sempre tão animado e prestativo, a Ana Claudia que sempre me auxiliava, a Breno e Marlla por dividirem a luta nesses últimos meses, também a todos os outros colegas, seus nomes podem não estar devidamente escritos aqui, mas estão em minha memória.

A todos os professores do Curso de Licenciatura em Geografia, em especial a Nielson, Clézia, Ana Paula, Fernandinha, Mário e Maciel, vocês emanam muita luz.

KEEP RUNNING!- My Chemical Romance

RESUMO

A Vila de Nazaré, localizada no município do Cabo de Santo Agostinho – PE dentro do Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti (PMAHC), é um lugar com características históricas e espaciais singulares, onde seus moradores constroem múltiplas relações. Esse lugar apresenta uma variedade de monumentos históricos com diversidades de significados e um grande acervo cultural, histórico e natural. Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo principal compreender as vivências espaciais e socioafetivas que os moradores da Vila de Nazaré estabelecem com o PMAHC. O conceito de Lugar foi tomado como uma lente para ajudar a entender não apenas o espaço físico, material, mas principalmente os espaços simbólicos, afetivos e relações existente ali. Para alcançar os objetivos deste trabalho utilizou-se como procedimentos metodológicos a pesquisa documental e bibliográfica, a observação direta e entrevistas semiestruturadas com agentes considerados relevantes. Foi constatado com a pesquisa que os moradores da Vila de Nazaré apresentam diversas formas de relações socioespaciais e afetivas experienciadas no cotidiano e que eles têm uma forte relação de pertencimento com o lugar.

Palavras-chave: Cabo de Santo Agostinho – PE. Lugar. Patrimônio Cultural. Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcante. Vila de Nazaré.

ABSTRACT

Vila de Nazaré, located in the municipality of Cabo de Santo Agostinho - PE within the Metropolitan Park Armando de Holanda Cavalcanti (PMAHC), is a place with unique historical and spatial characteristics, where its residents build multiple relationships. This place has a variety of historical monuments with diverse meanings and a large cultural, historical and natural collection. In this sense, this research had as main objective to understand the spatial and socio-affective experiences that the residents of Vila de Nazaré establish with the PMAHC. The concept of Place was taken as a lens to help understand not only the physical, material space, but mainly the symbolic, affective spaces and relationships that exist there. To achieve the objectives of this work, documentary and bibliographic research, direct observation and semi-structured interviews with relevant agents were used as methodological procedures. It was found with the research that the residents of Vila de Nazaré present different forms of socio-spatial and affective relationships experienced in everyday life and that they have a strong relationship of belonging with the place.

Keywords: Cabo de Santo Agostinho - PE. Place. Cultural heritage. Metropolitan Park Armando de Holanda Cavalcanti. Village of Nazaré.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Localização do Município do Cabo de Santo Agostinho	26
Figura 2- Matéria do Diário de Pernambuco sobre os aspectos históricos do Cabo de Santo Agostinho/Vila de Nazaré.....	28
Figura 3- Ruínas do Forte Castelo do Mar	29
Figura 4- Novo Farol e Antigo Farol.....	30
Figura 5- Igreja Nossa Senhora de Nazaré.....	31
Figura 6- Ruínas do Convento Carmelita	32
Figura 7- Escola Municipal Vicente Yañez Pinzón.....	33
Figura 8- Perímetro do Parque Armando de Holanda Cavalcanti- PMAHC	34
Figura 9- Área do Parque Metropolitano, ao fundo o Complexo Portuário Industrial de Suape	35
Figura 10- Foto antiga da Vila de Nazaré.....	41
Figura 11- Licores e Pimentas produzidos na Vila de Nazaré	44
Figura 12- Bar localizado na Vila de Nazaré e seus pratos.....	45
Figura 13- interior da Igreja Nossa Senhora de Nazaré	46
Figura 14- modelo de eira, beira e tribeira	48
Figura 15- Cemitério anexo a Igreja Nossa Senhora de Nazaré	50
Figura 16- Interior do Forte Castelo do Mar	53
Figura 17- Placa de sinalização do PMHC em mau estado.....	54
Figura 18- Capela Velha	55
Figura 19- Placa do Exército	56
Figura 20- Ônibus de viagem turística presente próximo a Igreja	58

LISTA DE ABREVIATURAS

AGENCIA CONDEPE/FIDEM – Fundação para o Desenvolvimento dos Municípios de Pernambuco

FUNCEF – Fundação dos Economiários Federais

FUNDARPE – Fundação do Patrimônio histórico e artístico de Pernambuco

IFPE – Instituto Federal de Pernambuco

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PAC - Programa de Aceleração do Crescimento

PMAHC - Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcante

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
2.1 Uma visão do lugar e suas vivências a partir das concepções da Geografia Humanista	21
2.2 Parques Históricos e sua importância para o estudo do lugar	23
2.3 Parques históricos como patrimônio cultural de Pernambuco	25
3. A VILA DE NAZARÉ E O PMAHC NO CONTEXTO DO MUNICÍPIO DO CABO DE SANTO AGOSTINHO	27
3.1 Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti	34
4. VILA DE NAZARÉ: VIVÊNCIAS E HISTÓRIAS.....	39
4.1 Vila de Nazaré, lugar e memória.....	39
4.2 Vila de Nazaré e gastronomia afetiva: o sabor como a lembrança do lugar.....	42
4.3 Monumentos históricos da Vila de Nazaré e suas narrativas com os sujeitos.....	47
4.3.1 A IGREJA NOSSA SENHORA DE NAZARÉ E AS RUÍNAS DO CONVENTO CARMELITA	47
4.3.2 RUÍNAS DA CASA DO FAROLEIRO, FORTE CASTELO DO MAR, E SUAS RELAÇÕES GEOGRÁFICAS E HISTÓRICAS	52
4.4 Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti e sua relação com a Vila de Nazaré ..	55
4.5 Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti e a Vila de Nazaré no contexto da Covid-19	59
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	63

1. INTRODUÇÃO

Refletir sobre o lugar, numa perspectiva da Geografia humanista, é pensar no espaço sentimental, pois a categoria de lugar está intimamente ligada com as relações afetivas dos sujeitos com o espaço. Sendo assim, o lugar é onde os indivíduos vivenciam experiências espaciais, exercendo o seu convívio diário com o espaço, criando laços que são carregados de significados, personificando o ambiente e os sujeitos. (HOLZER, 2008)

Inicialmente a Geografia Moderna foi tida como uma ciência de síntese. Na Geografia Clássica os principais conceitos utilizados eram os de Região e Paisagem, a relação homem/natureza era tida então como o elemento principal das discussões. Foi apenas a partir da década de 1970 que o conceito de Lugar começou a ganhar destaque no contexto da ciência geográfica, especialmente com a Geografia Crítica e Humanista.

A discussão de lugar como o espaço experienciado e vivido pelos indivíduos e grupos sociais deu-se então por meio da Geografia Humanista, compreendendo o espaço por meio dos simbolismos ali presentes e das experiências cotidianas em uma determinada escala geográfica, pensando assim em suas especificidades.

Nesse contexto, vamos tomar o conceito de lugar a partir da perspectiva da Geografia Humanista, para compreender a relação dos moradores da Vila de Nazaré (localizada no Município do Cabo de Santo Agostinho - PE) com o Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti (PMAHC), situado no acidente geográfico do Cabo de Santo Agostinho, um espaço com grande potencial natural, histórico, social e cultural que possui características únicas e que representa um importante contexto para o município no qual está inserido.

Por ser um parque histórico localizado em uma área onde ocorreram diversos conflitos, apresenta diversas rugosidades. O Forte Castelo do Mar, também chamado de Forte Pontal de Nazaré, que foi um importante local na defesa de Pernambuco na guerra contra os Holandeses; as igrejas históricas; e as ruínas da antiga casa do faroleiro, representam a resistência e se vinculam com os habitantes da área por meio de sua história.

O PMAHC apresenta uma série de usos desde antes mesmo da época da colonização brasileira, pois o local era inicialmente habitado pelos índios caetés, logo depois foi usufruído pelos portugueses que viram ali uma fonte de renda e um local privilegiado para a defesa e observação (FELIPE, 1962) . Por sua vez, a Vila de Nazaré, que se encontra dentro do perímetro do parque, é um dos locais mais notáveis do município do Cabo de Santo Agostinho e um cartão postal de beleza singular, sendo palco de diversas histórias desde o século XVI, e suas casas ainda guardam até hoje os aspectos seiscentistas da época.

A Vila de Nazaré se apresenta então como uma grande fonte de elementos culturais e históricos para o município do Cabo, fazendo parte do imaginário cabense, fomentando uma relação de afetividade, identidade e pertencimento dos habitantes com o espaço.

Considerando as discussões realizadas até aqui, o objetivo principal deste trabalho foi compreender as vivências espaciais e socioafetivas que os moradores da Vila de Nazaré estabelecem com o Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti (PMAHC), Cabo de Santo Agostinho – PE. Destacam-se como objetivos específicos:

- 1.1. Entender as diferentes relações socioespaciais experienciadas pelos moradores da Vila de Nazaré com o PMAHC.
- 1.2. Identificar e analisar os significados simbólicos e culturais atribuídos ao PMAHC pelos moradores da Vila de Nazaré.

Para alcançar os objetivos deste trabalho, utilizou-se abordagens de pesquisas qualitativas, pois por meio delas podemos ter uma maior relação com o caráter subjetivo do objeto de estudo. Segundo Neves (1996, p. 1), a pesquisa de caráter qualitativo “compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados”, sendo importante considerar, além das dimensões materiais, as dimensões simbólicas e imateriais da realidade estudada.

A abordagem qualitativa permite ao pesquisador estudar uma relação de elementos particulares que vão além da quantificação dos dados estatísticos, sendo o lugar a base principal da coleta de dados e informações, revelando sua realidade e suas multiplicidades.

Tendo como indagação norteadora as vivências dos moradores da Vila de Nazaré e sua relação com o PMAHC, buscou-se, por meio de uma pesquisa social de cunho qualitativo (MINAYO, 2009), compreender diversos aspectos socioespaciais das relações dos sujeitos com aquele lugar, destacando-se as dimensões simbólica, materiais e imateriais. e de diversos instrumentos de pesquisa qualitativa, a compreensão da dimensão das relações e dos comportamentos com o lugar, investigando os elementos simbólicos, materiais e imateriais do local, esses aspectos da realidade dos sujeitos são investigados por meio de uma pesquisa social, focada na utilização de diferentes métodos para entender o objeto de estudo em sua complexidade, para poder analisar como diferentes fenômenos funcionam e ocorrem.

Para tanto, o estudo de caso foi definido como delineamento da pesquisa, pois permite aprofundar o estudo de determinada realidade dentro de seu contexto e considerando sua complexidade, permitindo ainda produzir um conhecimento mais detalhado sobre o objeto de pesquisa e entender as manifestações que vão do geral ao particular existente no PMAHC e na Vila de Nazaré.

Assim foi desenvolvido um conjunto de etapas procedimentais a serem seguidas para melhor estruturar e tentar responder a questão principal da pesquisa: “De que forma se estabelecem as relações socioespaciais e afetivas entre os moradores da Vila de Nazaré, Cabo de Santo Agostinho – PE, e o Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti?”

A primeira etapa consistiu em um levantamento bibliográfico e documental, tendo como intuito a apropriação dos conhecimentos necessários para a compreensão dos fenômenos que englobam as indagações sobre o tema, afim de melhor delinear, conhecer, dialogar e identificar elementos e conhecimentos essenciais sobre o objeto de estudo. O levantamento bibliográfico foi feito por meio de dissertações, artigos científicos, teses e livros; e o documental foi realizado a partir de matérias de jornais, documentos jurídicos, plano diretor e documentos que de alguma maneira englobam a área de estudo e a temática de pesquisa.

Na segunda etapa foi realizada a observação como procedimento metodológico. Bechker (1972), afirma que a observação é uma das formas de solucionar estudos complexos institucionalizados, quando o objetivo são análises descritivas e exploratórias, sendo assim ela se constitui como um instrumento importante para alcançar os objetivos propostos. A observação foi feita de forma direta, anotando na caderneta de campo os aspectos mais relevantes e fazendo-se o registro fotográfico dos fenômenos e locais observados.

A terceira etapa consistiu da realização de entrevistas semiestruturadas com agentes considerados importantes para a pesquisa. A utilização de entrevistas semiestruturadas visou garantir uma maior amplitude e fluência com os entrevistados, possibilitando um maior aprofundamento em relação às dinâmicas existentes com os moradores residentes na Vila de Nazaré, focando nas formas de vivência experienciadas pelos indivíduos.

Os moradores escolhidos para a realização das entrevistas semiestruturadas foram aqueles que desenvolvem algum papel de maior relevância na Vila de Nazaré em seu contexto social, histórico e cultural, assim como também os de idade mais avançada. As entrevistas possibilitaram obter, por meio das narrativas vivenciadas, informações sobre as experiências dos sujeitos com seu espaço de vivência.

Para preservar a identidade dos moradores entrevistados na Vila de Nazaré durante a pesquisa foram utilizados nomes fictícios, mantendo em sigilo os nomes verdadeiros dos/as entrevistados/as.

Importante ressaltar que a entrevista semiestruturada foi realizada em novembro de 2020 e, considerando o contexto pandêmico provocado pela Covid-19, seguiu-se todos os protocolos de segurança para assegurar a saúde da pesquisadora e dos entrevistados, como distanciamento social (pelo menos dois metros) o uso de máscaras, protetor facial, álcool em gel, entre outros.

Ao longo do trabalho, buscou-se inter-relacionar as informações conseguidas no levantamento bibliográfico e documental, observações em campo e entrevistas semiestruturadas para atingir os objetivos da pesquisa.

Este trabalho está dividido em três seções principais: a seção 2, que trata do referencial teórico, abordando especialmente o conceito de lugar, parques históricos

e patrimônio cultural; a 3 e 4, que trazem os principais resultados e discussão da pesquisa realizada.

A seção 3 apresenta a Vila de Nazaré e o PMAHC no contexto do município do Cabo de Santo Agostinho e Região Metropolitana do Recife (RMR). A seção 4, por sua vez, discute as vivências dos moradores da Vila de Nazaré com o lugar, sua relação com os monumentos históricos existentes e com o PMAHC.

2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ambiente no qual estamos inseridos representa algo significativo em nossas vidas, é nele que ocorrem as diversas relações, que criamos os laços que decidimos manter com o espaço e com os indivíduos. Desse modo, o conceito fundamental para compreender o tema proposto acaba sendo o de lugar, focando na vivência dos indivíduos com o espaço geográfico. Segundo Carlos (2007, p. 20), “uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno”. Nesse sentido, o espaço então se torna lugar, quando adquire determinado significado para o ser humano.

Nessa perspectiva, o tempo se torna um elemento importante para compreendermos o conceito de lugar, pois a vivência espacial ocorre também no passado, e ao longo da vida criamos uma relação afetiva com esse espaço, que pode ser caracterizado pela afeição dos indivíduos por determinada área. Segundo Gonçalves (2010, p. 25), “os lugares são históricos, porque a partir do instante em que um lugar se realiza, já passa a ter uma história que se inscreve nas relações tecidas em sua construção”, sendo que o lugar não se constitui apenas de uma maneira espacial, mas também de um conjunto de vínculos sociais.

O lugar está repleto de símbolos que representam o passado e suas histórias: as igrejas, as casas e suas arquiteturas, os caminhos e o modo de reprodução do estilo de vida dos moradores, que constroem a personalidade do lugar que podem se dar tanto por uma materialidade como também por um sentimento, uma forma de apropriação ou uma visão de mundo.

O lugar está intimamente ligado a memória e a sua construção, os signos remetem a um determinado tempo, espaço e situação, que são expressadas com o saber e com o fazer dos indivíduos, e se retratam em projeções simbólicas e narrativas (CERTEAU, 1994).

O lugar deve ser pensado por seus significados que, por sua vez, são atribuídos pelas pessoas que o frequentam, que o experienciam, que o usam como meio de apropriação. Assim, esse lugar é onde os indivíduos exercem vínculos, onde criam identidade e onde muitas vezes fincam suas raízes.

O lugar é onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico. Trata-se na realidade de espacialidades carregadas de laços afetivos com os quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas na convivência com o lugar e com os outros. O conceito de lugar assume um caráter subjetivo, uma vez que cada indivíduo já traz uma experiência direta com seu espaço, com o seu lugar, houve um profundo envolvimento com o local para adquirir tal pertencimento. (STANISKI, KUNDLATSCH, PIREHOWSKI, 2005, p. 6)

A relação de lugar segue então uma lógica de pertencimento: o lar, o bairro, a “terra natal” com as primeiras relações de convívio. Seguindo uma lógica de escala geográfica, a apropriação se dá pelo número de vínculos e os sentimentos de afeição compartilhados, esses sentimentos se iniciam na casa e se expandem para outros espaços. De acordo Bachelard (2008, p. 24 apud Gonçalves 2010, p. 28), “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmo em toda acepção do termo”.

A partir da casa se tem uma relação de multiplicidade de lugares. A casa leva a um convívio social com os moradores do bairro, criando laços com o ambiente e dando sentido ao espaço. Nesse contexto, o lugar cria então relação com as experiências humanas e seus elementos subjetivos, sendo que “o lugar pode adquirir profundo significado para o adulto mediante o contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos. Cada peça dos móveis herdados, ou mesmo uma mancha na parede, conta uma história” (TUAN, 1983, p. 37).

Nesse estudo, o lugar deve ser pensado como local de afetividade dos indivíduos que ali se apropriam do Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti, transformando em um local de identidade e um produto das relações de afeto e vivência. Tuan (1983, p.151) afirma que “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significação”, sendo que o sentimento referente ao lugar é um resultado das experiências e cria um sentimento de pertencimento dos indivíduos com a localidade.

O lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas de um conjunto de sentidos e usos. Assim, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos que ocorrem ou ocorreram no mundo. (CARLOS, 1996, p.21).

O lugar se constitui por meio do afeto, da multiplicidade de relações sentimentais exercidas em determinado espaço, sendo assim compreender as relações que ocorrem na Vila de Nazaré e no Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti é também compreender aquele espaço como um lugar de múltiplos vínculos e conexões.

2.1 Uma visão do lugar e suas vivências a partir das concepções da Geografia Humanista

A Geografia Humanista ganhou força a partir da década de 1970 e se contrapôs as ideias positivistas dominantes, que valorizavam os dados objetivos, renegando os conhecimentos científicos pautados no subjetivo dos indivíduos (SUESS, 2016).

A fenomenologia deu importante base teórico-metodológica para os estudos numa perspectiva da Geografia Humanista. Segundo Holzer (2003, p. 114) “uma abordagem científica fenomenológica exige a determinação inicial dos limites e qualidades de um fato que só podem ser compreendidos quando observados em suas relações”. Assim, as relações passam a ser observadas não apenas do ponto de vista dos fatos científicos, a partir de um método objetivo, mas também em seus aspectos de origem subjetiva, valorizando elementos voltados as vivências.

A preocupação dos Geógrafos humanistas, seguindo os preceitos da Fenomenologia, foi de definir o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos. Um centro gerador de significados geográficos, que está em relação dialética com o constructo abstrato que denominamos “espaço”. (HOLZER, 1999, p. 70)

Nomes como Tuan, Relph e Buttimer passam então a incorporar e utilizar os conceitos de lugar e de mundo vivido. A ciência geográfica, já na primeira metade da década de 1970, evidencia em seus trabalhos a relação do Homem com o meio, utilizando-se da fenomenologia como base para enriquecer suas pesquisas, contribuindo para uma consolidação da identidade da Geografia Humanista.

O lugar e os espaços de vivências dos indivíduos e sua dimensão simbólica passam então a ser um elemento de grande importância para o conhecimento

geográfico. As análises do espaço e suas experiências significativas se tornam um elemento crucial para compreender os acontecimentos e transformações do meio, pois as representações que ocorrem no espaço estão intimamente ligadas ao modo de vida dos sujeitos.

O lugar é composto por uma diversidade de experiências pessoais, contribuindo para uma identificação dos espaços e dos habitantes dele, refletindo a construção da relação dos moradores com o local de vivência e atribuindo a esses significados.

O bairro, a cidade natal, a pátria mãe, entre tantos outros, todos esses são exemplos de lugares que despertam os sentimentos de pertença, convivência e apropriação. São espaços relacionais, da intimidade e da afeição. Casos de topofilia plena, de puro amor pelo lugar. (GONÇALVES, 2010, p. 25).

TUAN (2012) pontua que o ser humano comumente tem uma visão de supervalorização dos lugares onde vivem, dando a estes um significado individual advindo de diversos fatores como o tempo de vivência, as relações, as características desse lugar e sua comparação com a de outros, havendo assim uma valorização do espaço sentimental.

Devido a esses fatores, a percepção do meio se dá de maneira individual, dependendo de um conjunto de experiências significativas. O significado dos lugares é gerado então pelo sentimento interno dos sujeitos.

Cada indivíduo percebe o meio que está inserido de maneira diferente, a partir das próprias experiências com o espaço de vida cotidiano, visto que ao longo de sua vida ele se encontra em contato com uma grande quantidade de espaços de interação, o lugar se constitui a partir da utilização dos sentidos e das memórias, gerando sentimentos (TUAN, 1983). A relação dos moradores da Vila de Nazaré com o PMAHC é marcada por experiências espaciais individuais e coletivas, sendo uma relação permeada de significados diversos e por diferentes interações com o ambiente do parque.

2.2 Parques Históricos e sua importância para o estudo do lugar

No Brasil, a partir do período correspondente aos anos de 1970, foram criadas diversas iniciativas no que se refere a Parques Históricos, criando instrumentos que visam a preservação de seus aspectos e bens culturais. (CRUZ, 2016, p. 49-51) Sendo assim, a preservação dos Parques Históricos está diretamente ligada a preservação do patrimônio cultural no que se refere a determinado lugar, para assim resguardar a memória e a identidade ali presente.

O patrimônio cultural implica sentidos de pertencimento e permanência, considerando-se que a produção material e imaterial de uma comunidade torna-se elo de identificação do grupo a um ethos cultural, vetor de transmissão e compartilhamento de experiências vividas. (SANTANA e SIMÕES, 2015)

Já no Final dos anos de 1980 a Constituição Federal começa a enfatizar o conceito de Patrimônio Cultural, atribuindo a União, Estados e Municípios, juntamente com a comunidade inserida nos espaços, a responsabilidade pela preservação do patrimônio material e imaterial ali inserida.

Artigo 216: Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. Parágrafo 1º - O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação e de outras formas de acautelamento e preservação. Parágrafo 4º -Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei. (BRASIL, 1988, Art. 216)

Na década de 1990 houve uma atualização no que se refere ao conceito de Patrimônio Cultural, que buscava melhor refletir a diversidade da cultura brasileira, isso se deu por meio da inclusão do Patrimônio imaterial e da Paisagem cultural, englobando os aspectos que caracterizam o lugar, abrangendo o patrimônio natural, incorporando então a paisagem e os recursos naturais, o patrimônio edificado e imaterial. (PORTA, 2012, apud MONTENEGRO, 2016, p. 41)

Devido a isso, a década de 2000 acaba sendo marcada pelo início de uma nova política de Patrimônio, foram iniciadas diversas ações como o Decreto n.3551 (2000) que resultou no início das primeiras ações de inventários e registros, ao Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (2004), e a portaria que instituiu a chancela de Paisagem Cultural (2009).(PORTA, 2012, p. 14).

Foi na década de 2000 que os princípios modernizadores estabelecidos pela Constituição de 1988 finalmente começaram a ser traduzidos em ação, trazendo diversas inovações para a política de preservação do patrimônio. Tais inovações reconduziram o país a uma posição de vanguarda nesse campo, posição que já ocupara nos anos 1930, quando criou uma das primeiras instituições de preservação do mundo: o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). (PORTA, 2012, p. 8)

Segundo o site do IPHAN, os Parques Históricos foram criados com o objetivo de “garantir a proteção da paisagem cultural e preservação dos valores patrimoniais e ambientais dessas áreas.” Nesse sentido, eles funcionam como um instrumento de fortalecimento e amparo no que se refere às questões naturais e culturais de uma localidade.

Quando preservamos os lugares de memória, estamos considerando que estes espaços evocam lembranças de um passado despertando através de sua materialidade, a capacidade de rememoração da forma de vida daqueles que no passado os utilizaram. (CRUZ, 2016,. p.16)

Os Parques históricos se concretizam como uma unidade de preservação não só em aspectos materiais, mas também dos imateriais, das memórias e identidades contidas nos espaços vividos pela população. Assim, preserva-los resulta em uma salvaguarda do que compreende a pluralidade dos indivíduos e dos espaços.

Sendo assim, devido a sua grande importância na perpetuação dos aspectos identitários de um determinado local ou de um povo, os Parques Históricos se apresentam como não apenas um Patrimônio físico e material, mas também como um patrimônio imaterial, dotado de valores simbólicos e únicos.

2.3 Parques históricos como patrimônio cultural de Pernambuco

A riqueza Patrimonial e cultural de Pernambuco se apresenta de maneira diversa devido aos seus diferentes contextos históricos e culturais, tendo um enorme conjunto de signos e significados materiais e imateriais, sendo que suas manifestações estão presentes em aspectos tanto físicos como subjetivos.

O estado guarda testemunhos históricos diversificados que vão do século XVI ao século XX, incluindo a arquitetura moderna. A história pernambucana remonta aos primeiros anos da colonização portuguesa, quando a capitania de Pernambuco foi uma das que mais progrediram. A cana-de-açúcar marcou a cultura do estado, deu origem à mescla de indígenas, portugueses, holandeses e africanos. Os 24 anos de invasão holandesa (1630 a 1654), culminados com as guerras que consolidaram sua expulsão, deixaram marcas nos costumes, no sentimento de patriotismo e no orgulho local, além de um grande acervo composto de mapas, documentos, pinturas, livros, objetos, edificações civis e militares. (PORTA, 2012. p. 160)

Devido a sua pluralidade cultural e patrimonial, o estado pernambucano tem tombamentos em diversas esferas, no Programa de Aceleração do Crescimento- (PAC) de Cidades históricas, um programa que atende 44 cidades, em 20 Estados brasileiros com reconhecimento nacional, sendo 11 destas presentes num contexto mundial. Nesse programa se encontram as cidades pernambucanas de Cabo de Santo Agostinho, Caruaru, Fernando de Noronha, Goiana, Igarassu, Jaboatão dos Guararapes, Olinda e Recife. (PORTA, 2012, p.164)

Com o PAC Cidades Históricas, o Governo Federal mobiliza seus melhores esforços e um volume inédito de recursos para oferecer, às gerações atual e futuras, ambientes urbanos mais humanos e respeitosos para com os valores culturais, preservando bens que caracterizam a nossa cultura e conferem ao Brasil uma diversidade de identidades única em todo o mundo. (BRASIL. Brasília: Ministério da Cultura, 2012-2014)

Pensar em Parques Históricos é pensar também na preservação da nossa cultura de uma maneira geral, seus atributos culturais incrementam a identidade do lugar, dando a ele significado. Sendo assim, os Parques Históricos proporcionam perspectivas científicas e artísticas que são dotadas de significados para os sujeitos

ali inseridos, “memória e patrimônio estão inter-relacionados, já que ambos, quando ligados, fazem referência aos conhecimentos que conferem aos grupos sociais o sentido de pertença a uma determinada cultura e sociedade.” (SANTANA; SIMÕES, 2015, p. 92)

Pernambuco apresenta em seu acervo patrimonial vários parques históricos, sendo que na Região Metropolitana do Recife (RMR), se destacam dois: o Parque Histórico Nacional dos Guararapes (PHNG), localizado na cidade de Jaboatão dos Guararapes; e o Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti (PMAHC), localizado na cidade do Cabo de Santo Agostinho, que visam não apenas preservar suas particularidades históricas, mas também as naturais.

A proteção do patrimônio cultural é a proteção das características únicas de um lugar e dos indivíduos que a ele pertencem, “O patrimônio cultural expressa a solidariedade que une os que compartilham um conjunto de bens e práticas que os identifica, mas também costuma ser um lugar de cumplicidade social.” (CANCLINI, 1994, p. 96). Portanto, a preservação de Parques Históricos é a preservação da identidade e das relações inseridas ali.

3. A VILA DE NAZARÉ E O PMAHC NO CONTEXTO DO MUNICÍPIO DO CABO DE SANTO AGOSTINHO

A Município do Cabo de Santo Agostinho, Localizado na parcela sul da Região Metropolitana do Recife (RMR), com uma distancia de 33,6 km da cidade do Recife (Marco Zero), abriga uma área total de 448,735 km², tendo os município de Moreno, Ipojuca, Jaboatão dos Guararapes e Escada como limítrofes, sendo o segundomaior em extensão territorial da RMR (IBGE, 2020).

Figura 1 - Localização do Município do Cabo de Santo Agostinho



Elaborado por: Deivid Souza (2020).

A Vila de Nazaré é um distrito do município de Cabo do Santo Agostinho, localizada dentro do PMAHC. Para compreensão das vivências dos moradores da Vila de Nazaré e sua relação com o Parque é necessário, inicialmente, compreender a história que norteia aquele lugar. Bovo e Lemes (2013, p. 2) afirmam que “cada lugar tem uma história que o compõe. Nenhum lugar surgiu e surge do nada, ele é resultado da sociedade que ali vive e produz sua história através das relações sociais e de trabalho que aí se estabeleceram.”

Por ser uma vila histórica, a Vila de Nazaré apresenta uma série de símbolos e significados, que estão presentes no cotidiano das pessoas que vivem ali se

relacionam diretamente com o modo de vida da população local de diversas maneiras, sejam elas econômicas, sociais, afetivas ou religiosas.

Sendo assim, a compreensão dos contextos histórico-culturais que permeiam aquele lugar é de vital importância para este estudo. Conhecer o lugar é se apegar a ele, pois “[...] o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 4).

Localizada dentro Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti (PMAHC) na cidade do Cabo de Santo Agostinho, Litoral Sul do Estado de Pernambuco, a Vila de Nazaré é uma Vila Colonial do século XVI, com proximidade das praias de Suape, Gaibú, Calhetas e Paraíso. Possui um ecossistema litorâneo e diversos conjuntos arquitetônicos em ruínas, sendo um patrimônio com diversas especificidades relevantes para o estudo do lugar e suas vivências.

O Sítio Histórico do Cabo de Santo Agostinho/Baía de Suape abrange o acidente geográfico do Cabo e a Praia de Suape, ao sul até o Pontal. De acordo com alguns historiadores, aquele era o local onde supostamente aportaram os primeiros navegadores que vieram às Américas desde o século XV. (CABO DE SANTO AGOSTINHO, 2019).

As construções e as transformações associadas a essa parcela do espaço geram um sentido de lugar, pois os moradores se apropriam dos elementos ali existentes criando suas identidades, lembrando e criando memórias. Cosgrove (2000, p. 48) coloca em pauta que “ao atribuir significado ao mundo do presente, a imaginação constrói narrativas que juntam o passado e o futuro numa forma de síntese”. Sendo assim, a presença da identidade advinda dos elementos histórico-culturais e seus significados constituem um forte destaque no modo de vida da população ali existente.

A história da área pertencente a Vila de Nazaré a ao Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti antecede a chegada dos portugueses as terras brasileiras, quando Vicente Yáñez Pizon chega em fevereiro de 1500 no que hoje é a Enseada de Suape (FELIPE, 1962). No entanto, a sua chegada não foi reivindicada pela Espanha. A área atual que corresponde a Vila de Nazaré era originalmente habitada pelos povos indígenas Caetés.

Sobre as histórias que compõem e dão forma a Cidade do Cabo de Santo Agostinho, Lima (2002) afirma que:

No início do século XVI, a navegação marítima assumiu dimensão mundial e o município do Cabo de Santo Agostinho tornou-se referência obrigatória para aqueles que se utilizavam das correntes marítimas a fim de atingir o continente africano ou dele retornar, pois o seu acidente geográfico, também denominado de Cabo de Santo Agostinho, foi considerado ponto extremo oriental das Américas, tendo, no período de colonização e do concorrido comércio açucareiro, assumido ponto estratégico na defesa da costa brasileira; sendo assim, uma área bastante disputada entre portugueses e holandeses.

A localização do município nesse período teve forte relevância na luta pernambucana contra o domínio dos Holandeses, o que resultou em diversos elementos simbólicos ainda presentes e um grande acervo histórico e cultural.

Figura 2 - Matéria do Diário de Pernambuco sobre os aspectos históricos do Cabo de Santo Agostinho/Vila de Nazaré.



Fonte: Diário de Pernambuco (2018).

Os holandeses, no ano de 1630, desembarcaram ao norte da cidade de Olinda, invadiram a capitania e tomaram o porto do Recife, tornando-o o grande mercado pernambucano. Era por meio dele que os luso-brasileiros mantinham a comunicação com a metrópole, sendo o local de abastecimento de armamentos e envio de produção. Com isso é iniciado um trabalho de fortificação, tornando a área do porto e povoado de Nazaré uma das mais fortificadas da capitania (MEDEIROS, 2013, p. 51).

Para a proteção contra as investidas holandesas foram criados o Forte Castelo do Mar, as baterias de São Jorge e Calhetas. Atualmente suas ruínas (figura 6) formam um importante elemento do sítio histórico localizado na Vila de Nazaré.

Figura 3 - Ruínas do Forte Castelo do Mar



Foto: Claudia Santos (2020).

O sítio histórico também ganhou outras edificações com o tempo: o quartel próximo ao forte Castelo do Mar, datado do final do século XVII; a antiga casa do faroleiro, que servia como depósito e como moradia; o farol velho, que era composto por um cilindro de metal e movido a querosene; e o Farol Novo, construído mais próximo da Vila de Nazaré (Figura 4).

Figura 4 - Novo Farol e Antigo Farol



Fonte: figura à esquerda - Claudia Santos (2020) / figura à direita - acervo Prefeitura do Cabo de Santo Agostinho.

Com Tombamento a nível nacional pelo Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), tem-se a Igreja Nossa Senhora de Nazaré e as Ruínas do antigo Convento Carmelita localizadas sobre o monte mais alto da cidade do Cabo de Santo Agostinho.

A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural.

(Carta de Veneza, artigo 1º)

A igreja Nossa Senhora (figura 5) de Nazaré foi construída pelos portugueses a partir do século XVI, e ganhou uma revitalização no século XVII. Ela foi construída com pedra de baleia e arenito, sendo a segunda mais antiga do Brasil.

Figura 5 - Igreja Nossa Senhora de Nazaré



Foto: Claudia Santos (2020).

Ao seu lado estão as Ruínas do Convento Carmelita, muito usadas para eventos. O Convento Carmelita foi uma construção datada do final do século XVIII , foi iniciada em 1692 e terminada em 1731, como pode-se ler em uma inscrição antiga escrita em latim gravada em pedra que se encontra no corredor da Igreja. O convento encontra-se atualmente em estado de ruínas como pode ser visto na figura 6, anexado a Igreja Nossa Senhora de Nazaré.

Na inscrição em latim contêm os seguintes dizeres:

Em 15 de outubro do ano de 1731 foi concluída esta obra sendo preposto Luís a quem a Virgem- mãe da Purificação deu o agnome. Então, ao mesmo tempo, Manuel que tem o cognome Ângelo lhe era, com seus conselhos últimos, assistente dedicado.

Figura 6 - Ruínas do Convento Carmelita



Foto: Claudia Santos (2020).

Na localidade ainda se encontra o Museu do Pescador, que está fechado e fora de funcionamento, uma biblioteca pública de nome Farol das Letras, a Escola Municipal Vicente de Yañes Pizon (Figura 7) que oferta aulas da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I, fontes de águas como a bica da ferrugem, a casa de farinha, as ruínas do antigo quartel da marinha e as Ruínas da Capela Velha.

Figura 7 - Escola Municipal Vicente Yañez Pinzón



Foto: Claudia Santos (2020).

Pensando na perspectiva dos lugares e suas vivências, Manicchi (2013. p. 29), aponta que “alguns elementos de uma cidade remetem à sua história e desenvolvimento, portanto são assumidos como representações da identidade das pessoas enquanto cidadãs moradoras de tais cidades”. Sendo assim, as construções de uma determinada área não se constituem apenas pelo seu eu físico no meio, mas também das relações com a imaginação e com as experiências vividas, o que vai ser discutido mais adiante.

3.1 Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti

O Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti (PMAHC) foi criado em 1979 pelo Decreto n.º 5554, de 6 de fevereiro de 1979 e Decreto n.º 5765, de 15 de maio de 1979. A área do PMAHC está totalmente inserida no município de Cabo de Santo Agostinho – PE, e foi desapropriada pelo Governo do Estado de Pernambuco e tombado pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE) no ano de sua criação.

Em 1980 ele ganhou um Plano Diretor, que nunca foi aplicado na prática, criado pela então Fundação de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Recife (FIDEM),

o Plano Diretor do Sistema de Parque Metropolitanos, estabelecendo à Região Metropolitana a implantação do Parque.

Posteriormente, com o desenvolvimento do Complexo Industrial Portuário de Suape (CIP) e a aprovação do Plano Diretor deste complexo, os 270 ha do Parque compreendidos pela Zona de Preservação Cultural (ZPC) ficaram sob responsabilidade dessa empresa (Anexo II). Destacam-se na área do parque as praias de Calhetas, Cabo de Santo Agostinho e Paraíso, os mirantes e todo o patrimônio do sítio histórico existente no local (Vila de Nazareth e sua igreja, o Forte Castelo do Mar, as Baterias de São Jorge e Calhetas, o Forte de Gaibu e a antiga casa do faroleiro). (CPRH, 2011)

Ainda em 1983 a área do PMAHC (Figura 8) se torna Zona de Proteção Cultural pelas normas de uso do solo do Complexo Industrial e Portuário de Suape pelo Decreto nº 8447 de 02/3/1983, com o intuito de preservar os bens culturais, artísticos e históricos da Cidade do Cabo de Santo Agostinho, apresentando os objetivos de: “Preservação dos valores culturais, incluindo-se os da comunidade que reside no local, restauração do Patrimônio Histórico e adaptação da áreas para visitação turística, preservando os valores ambientais existentes”.

Figura 8 - Perímetro do Parque Armando de Holanda Cavalcanti- PMAHC

O Parque está inserido no Sítio Histórico do Cabo de Santo Agostinho tombado pelo Estado de Pernambuco - Decreto nº 17.070 de 16/11/93.

Está classificado na Lei Municipal do Cabo de Santo Agostinho como Zona Urbana de Interesse Histórico. Lei nº 2.179, de 14/04/04.

No Plano Diretor de Suape (Decreto nº 37.160/11) está como Zona de Proteção Cultural – ZPC.

Possui polígono de proteção federal pelo IPHAN envolvendo a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré e parte da Vila de Nazaré.



Foto: LeiaJá (2020).

Acessado em: <http://www.independencedaybrasil.com.br/tags/suape>

Já no ano de 1989, o Complexo Portuário aprova uma permissão de Uso de Bem Imóvel a título oneroso ao PREFASA-Empreendimentos e Construções LTDA, pelo prazo de 99 anos, de uma área de 117 hectares de nome propriedade Tiriri, usada para o empreendimento imobiliário no local.

O grupo PREFESA, no ano de 1995, vende a Fundação dos Economistas Federais (FUNCEF), o empreendimento imobiliário referente a área em que os 117 hectares fazia parte. Devido a isso as responsabilidades referentes ao PMAHC passa então para a FUNCEF, que realizou posteriormente diversos estudos sobre o Parque.

Na figura 9 é possível perceber a proximidade e a relação do complexo portuario com o Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcante.

Figura 9 - Área do PMAHC, ao fundo o Complexo Portuário Industrial de Suape



Fonte: Claudia Santos (2020).

Em 1997, A prefeitura do município do Cabo de Santo Agostinho, durante a reunião do Conselho de Desenvolvimento da RMR, propõe criar um Conselho Gestor do Parque pela necessidade de revisão do Plano Diretor de preservação e revitalização.

Diversas ações referentes ao Parque foram tomadas nos anos seguinte pela FUNCEF como a revisão do Plano Diretor de Preservação e Revitalização e a elaboração do Plano Estratégico para sua Implementação, assim como obras de calçamento em locais de acesso ao Parque e a construção de guaritas.

Em 2006, a FUNCEF aprova a Política de Sustentabilidade e Responsabilidade Social para os empreendimentos hoteleiros da mesma, colocando em pratica a execução de um programa piloto no Eco Resort do Cabo nas áreas vizinhas ao PMAHC.

Segundo o Novo Plano Diretor de Suape 2030 ele se encontra na Zona de Preservação Cultural (ZPC) que abrange tanto a área do Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti quanto de uma parcela da Ilha de Cocaia, de acordo com o documento:

No caso do Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti, mantém-se o caráter originalmente definido no Decreto Estadual nº 8.447/83. A utilização está condicionada à conservação da sua paisagem e deverá ser explorada complementarmente por atividades turísticas, de lazer e educação patrimonial e ambiental.

Com isso são instauradas no PMAHC e na Ilha de Cocaia regras para seus diferentes tipos de uso. O art. 59 do documento coloca em pauta que:

Art. 59. Usos e atividades a serem admitidos na Zona de Preservação Cultural (ZPC) inserida no Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti estão condicionados à conservação da paisagem cultural e poderão incluir a exploração de atividades turísticas, de lazer e educação patrimonial e ambiental, devendo:

- a permanência das edificações com uso residencial ficar restrita aos posseiros que ocupam a área desde a demarcação do Parque, conforme definição do seu Plano de Preservação original;
- os empreendimentos de turismo e lazer serem rigorosamente controlados através do licenciamento urbanístico e ambiental, sob a anuência da Empresa SUAPE, da instituição gestora do Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti e da Fundarpe, bem como aprovação da autoridade municipal competente.- ser revisado o Plano Preservação do Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti, em parceria da Empresa SUAPE c m a Fundarpe, com a Prefeitura Municipal do Cabo de Santo Agostinho com Conselho e a instituição gestora do Parque, detalhando-se as ações prioritárias e as atividades pertinentes a sua conservação ambiental e histórico-cultural. (PLANO DIRETOR SUAPE,2030. PAG 198)

Já o art. 61 apresenta a restrição de novos parcelamentos do solo, o que limita a quantidade de casas na área referente ao Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti.

Sendo assim, o Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti apresenta também uma série de usos em seu espaço, que vai de utilização econômica a usos festivos relacionados aos contextos históricos e culturais dos moradores.

Dentre o número de edificações existentes na área do Parque, há uma predominância do uso residencial. A maioria dos imóveis são próprios ou fruto de invasões, sendo que 80% deles são em alvenaria e 15% em taipa, e apresentam média de ocupação variando entre 4 e 5 habitantes por residência. (CAVALCANTI, 2006, p. 71)

A utilização do PMAHC pelos moradores para uso comercial é dado de maneira diversa, pode-se perceber uma grande quantidade de bares e estabelecimentos de venda de doces e licores, utilizações referentes ao turismo e também voltados a agricultura.

De acordo com análise de relatórios elaborados pela Empresa Suape, destacam-se propostas de atividades econômicas centradas em ações que representam real potencial de demanda, tais como o ecoturismo, agricultura ecológica, criação de aves de capoeira e gado leiteiro, pesca, artesanato, culinária local e doces caseiros. (CAVALCANTI, 2006, p. 71)

Compreender as dinâmicas do Parque é conhecer suas vivências, sendo assim analisar os diversos contextos existente em seu espaço é de vital importância para este estudo. O Parque se Relaciona não apenas com a esfera Pública, mas também com a privada, interferindo diretamente na vida dos habitantes da localidade.

4. VILA DE NAZARÉ: VIVÊNCIAS E HISTÓRIAS

Essa parte da pesquisa, esta relacionada com o espaço vivido dos moradores residentes na Vila de Nazaré, como acontecem suas relações e apropriações com o PMAHC. Para isso são trazidos os depoimentos dos moradores entrevistados, para assim melhor elucidar a temática das relações socioespaciais que ocorrem na Vila. A partir dessa prerrogativa se fez uma análise das informações advindas das entrevistas que melhor se encaixam na constituição da Vila como lugar.

São trazidas falas dos habitantes que trazem a tona seu modo de vida e seu sentimento com o lugar, fazendo um “resgate” de suas memórias referentes a Vila de Nazaré e sua relação com o Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti.

4.1 Vila de Nazaré, lugar e memória

A compreensão da memória dos moradores relacionada à Vila de Nazaré é fundamental para a compreensão da sua relação com o lugar. O lugar aparece como um local de memórias e sentimentos, que cria vínculos dos indivíduos com o meio. O lugar então é constituído pelas relações estabelecidas com o espaço, suas identidades são formadas por meio de uma série de situações históricas, sociais, políticas e sentimentais, pois “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significação”. (TUAN, 1983, p. 151)

Por ser uma vila histórica, a Vila de Nazaré não apenas cria na memória uma relação com o presente, mas também com os elementos do passado, criando um imaginário, fundamentando ainda mais sua importância e memória. Segundo Silva (2019, p. 57):

se o lugar é por excelência possuidor de história e memória, é nos espaços com maior densidade histórica onde os laços de pertencimento são mais intensos, onde o estabelecimento de vínculos

identitários são mais fortes e, portanto, o sentido de lugar para as pessoas que mantêm tais relações é pleno de significados. (SILVA, 2019).

Os acontecimentos marcantes gravam-se na memória dos indivíduos, a memória gera sentimentos de cumplicidade entre o lugar e seus habitantes, formam identidades, torna-se não apenas físico, mas também simbólico, imaterial, despertam sensações, apegos e desapegos.

Os sentimentos adquiridos no lugar se revelam em falas, suspiros e ações, quando foi pedido para que os habitantes contassem um pouco sobre o que gostavam na Vila de Nazaré, uma das moradoras afirmou:

Ah minha filha, a tranquilidade, a paz, eu nasci e me criei aqui, daqui só para o cemitério, amo, amo minha terra, gosto de pescar, ainda pesco, sabia? Gosto muito de pescar, pra mim não tem uma terapia melhor, tenho problemas de saúde sabe? sou diabética, sou hipertensa, mas aqui é um lugar maravilhoso, muito bom, muito bom mesmo [...] EU AMO! Não tô dizendo a você, nasci aqui e daqui só para o cemitério, não saio daqui não, só saio daqui pra médico, pra resolver alguma coisa na cidade, quando eu chego fico até doente, fico com dor de cabeça. (Dona Maria, 2020)¹

É perceptível que as percepções dos entrevistados vão muito além do espaço físico, monumentos históricos, e o contexto natural e turístico se apresentam de maneira significativa nos relatos obtidos, formando o cotidiano dos moradores, dando significância. A moradia cria vínculos com os indivíduos, os tornam sujeitos ativos na constituição histórica, pois “os espaços se tornam lugares justamente por serem historicamente produzidos, com base em ações como o morar, o trabalhar, o divertir-se, o deslocar-se diariamente ou em momentos específicos”. (SILVA, 2019, p. 56)

A memória nos dá uma noção de pertencimento, de identidade, a memória é aquilo que ultrapassa o físico e guarda nos indivíduos uma noção do eu no mundo, a memória constitui o lugar.

O lugar é sentimento, ele é formado por significados particulares, uma rua marcante na infância ou adolescência, um passeio por um lugar almejado, tudo isso

¹ Filha dos antigos faroleiros da Vila de Nazaré, aposentada, 65 anos. Sua mãe foi a primeira mulher faroleira do Brasil. Entrevista realizada em nov. de 2020.

encontra-se presente na memória e gera diferentes percepções e está diretamente relacionada ao tempo e ao espaço.

O tempo e o espaço geram experiências aos indivíduos, os fazem criar laços, a memória os faz remeter a situações, a datas e acontecimentos, que se apresentam no campo físico e simbólico. Os acontecimentos na Vila de Nazaré estão fortemente presentes na memória dos moradores, dando a Vila um universo simbólico de diferentes significados particulares.

Percebe-se um comportamento narrativo entre os moradores sobre a história da Vila de Nazaré, mostrando sua relação com os monumentos, com a natureza e com os indivíduos, mencionando desde acontecimentos que foram presenciados, quanto aqueles que foram aprendidos e perpetuados de geração em geração.

A história daqui chama muita atenção, se inicia antes de 1500, né? Tem o sitio de Nazaré que é do século XII, tem a Igreja Nossa senhora de Nazaré, um milagre, ai depois teve isso aqui, né? A Vila de Nazaré, se eu não me engano o Cabo de Santo Agostinho é o segundo ponto mais próximo do continente, aqui a gente comemora o descobrimento do Brasil por Vicente Pizón, que deu o nome, Cabo de Santa Maria de la Consolación, a história aqui chama muita atenção. (José, 2020)²

Segundo Andrade (2008, p.2) “As memórias são importantes registros vividos que partem das lembranças e eternizam lugares como referências e cenários para uma constante visita ao passado”. A partir dessa afirmação podemos dizer que as memórias também funcionam como um registro individual de determinado acontecimento, o passado regressa em forma simbólica. Quanto a isso uma das moradoras entrevistadas compartilhou a seguinte lembrança: “aqui antigamente era uma Vila de casas de taipa, a maioria pescador, tinha até um tempo que se caçava araruta, eu lembro, tinha a araruta que os homens cavavam.” (Dona Rosa, 2020)

As transformações vivenciadas também foram compartilhadas por meio de fotografias antigas dos acervos pessoais dos moradores da Vila de Nazaré, foram cedidas imagens que mostram seu passado (Figura 10), suas formas e transformações.

² José é um dos principais produtores de Licor e doces da Vila de Nazaré, é voluntário na Ong Mão Amiga e ex-morador da Cidade de Vitória de Santo Antão, se mudou para a Vila nos anos 2000. Entrevista realizada em nov. de 2020.

Figura 10 - Foto antiga da Vila de Nazaré



Fonte: Acervo pessoal de Dona Rosa (2020).

É possível perceber as diferentes relações de modos de vida que ocorrem na Vila de Nazaré, suas transformações se inserem na vida dos habitantes e fomentam a relação de identidade dos moradores.

4.2 Vila de Nazaré e gastronomia afetiva: o sabor como a lembrança do lugar.

Caracterizar o lugar não está apenas em entender sua dimensão física, mas também os aspectos simbólicos da sua identidade. Um desses aspectos é a alimentação de um povo, que pode expressar não apenas seu modo de vida, mas também as identidades de um determinado grupo de indivíduos, o que faz remeter a dado tempo ou espaço.

A historicidade da sensibilidade gastronômica explica e é explicada pelas manifestações culturais e sociais, como espelho de uma época e que marcaram uma época. Desta forma, uma comunidade pode

manifestar na comida emoções, sistemas de pertinências, significados, relações sociais e sua identidade coletiva. Se a comida é uma forma de comunicação, assim como a fala, ela pode contar histórias e pode se constituir como narrativa da memória social de uma comunidade. Nesse sentido, o que se come é tão importante quanto quando se come, onde se come, como se come e com quem se come (SANTOS, 2011, p. 108).

A Vila de Nazaré apresenta grande importância no contexto gastronômico da cidade do Cabo de Santo Agostinho. As receitas não apenas estão presentes no ambiente físico da Vila de Nazaré, como também na memória dos habitantes ali instalados, as diferentes receitas preparadas transmitem por meio de sabores, falas e cheiros os sentimentos presentes nos moradores.

A memória dos indivíduos se aflora por meio dos sentidos, sendo assim as preparações existentes na Vila de Nazaré guardam não apenas os saberes gastronômicos, mas também constituem a memória dos moradores e visitantes da localidade.

A memória possui um aspecto central na vida humana e o ato de narrar é a forma de passar adiante saberes, experiências e técnicas. A figura do narrador, que é aquele que mantém a narrativa útil e temporal, segundo Benjamin (1994), é responsável por transmitir as experiências comunicáveis de um determinado lugar e tempo. Walter Benjamin (1994), nos apresenta os tipos de narradores possíveis: o nativo que conhece bem a sua tradição e o viajante que vem de longe. Em Vila de Nazaré, certamente, o narrador nativo é um indivíduo de grande importância para compreendermos os aspectos culturais, sociais e geográficos deste pequeno vilarejo.

É, com toda certeza, através da oralidade que o conhecimento é mantido vivo neste povoado e a experiência pode então ser transmitida entre gerações e gerações. Rosa (2020), moradora antiga da Vila de Nazaré, durante entrevista mencionou sobre um ingrediente peculiar, ao ser perguntada sobre o que era esse ingrediente, ela respondeu com a seguinte memória desse ingrediente e sua relação com a Vila:

É uma coisinha que você cava e sai de dentro da terra, muito, muito gostosa. Ela cresce e eles mediam e ganhavam por aquilo, e levavam até a casa de farinha e fazia a goma de araruta, é muito boa a papa. E faziam broa! Ainda tem a broa, mas não é gostosa como antigamente, era da goma da araruta, quando ela ia pra casa de farinha faziam a broa de araruta, ai antes dela ser moída, o trabalho

das mulheres era pegar as caçambas as tuias, e a gente ficava lá cada uma descascava a sua, e depois ela era lavada e ia pra o rodete, pra “tchu”, ai do rodete a massa ia pro tanque, e a gente lavava tirava a massa e ia pra o outro tanque, e depois esperava a água assentar e ficava a goma, e ia pra tipoia pra ficar bem alvinha, botava um pano quente nas pedras, ai passava uns 3 ou quatro dias pra ela secar e depois que ela secava, peneirava, bem fininha e a gente levava pro Recife, pro Mercado São Jose.

Durante a entrevista, D. Rosa ainda nos contou acerca do seu ofício com este ingrediente tradicional que, assim como outros componentes, integram e compõe a identidade dos moradores da comunidade.

Trabalhei, batendo, levando, fazendo tipóia, outra coisa que a gente fazia e faz é a pesca, eu não vou mais por causa da perna, que não dá pra pular as pedras, mas a gente pesca, peixe, lagostim, aratu, amureio, a gente ia e vai pescar, agora não muito por causa da perna, mas já pesquei muito. E tem as frutas também, aqui tem muita manga, muito cajú, os carros vinham colocavam nas caçambas, até hoje tem um comércio muito bom, que vem lá de trás, os licores, as passas, os doces, hoje em dia ainda tem. O doce de cajú daqui é muito bom, a passa, descasca, tira o fundinho do caju, lava, tira a casquinha dele, dá um trabalho, fura ele todinho e espreme pra que o suco saia, 50 cajús e um quilo de açúcar, 3 dias, passa no açúcar com canela, no meu tempo ainda ia pro sol, agora não vai, as pessoas faz é na lenha, a passa daqui é gostosa, o doce daqui é gostoso, as coisa feita aqui, é boa. A gente também tem um doce aqui, muito bom, mas a gente não faz muito pra vender não, tinha aqueles tachos, eram uns tachos grandes, e a gente botava caju, mas tinha uns que quebrava, ai a gente raspava e jogava na calda do coco, partia a castanha, machucava no pilão e jogava ali dentro, ai tinham 3 sabores, caju, coco e castanha, ficava como uma cocada, muito bom, muito bom.

Na Vila de Nazaré, é perceptível como a influência da memória dos moradores com a comida é um fenômeno que os acompanham durante toda a vida. Para além de uma relação afetiva, mas também e, principalmente, uma relação de subsistência e expressão de suas identidades e subjetividades (Figura 11) Seu José (2020), morador da Vila, também através do seu relato, em entrevista, nos contou o quanto aprendeu com o lugar em que cresceu e mora até hoje, valores intangíveis para sua formação e seu ofício: “eu não sabia fazer licor, aprendi a fazer aqui, tomei um licor de jenipapo aqui, aí me interessei, faço licor até hoje.”

Figura 11 - Licores e Pimentas produzidos na Vila de Nazaré



Fonte: Claudia Santos (2020).

A região ainda possui uma grande quantidade de relações comerciais voltadas a preparações locais como doces, licores, cachaças e pratos diversos, utilizando ingredientes encontrados na Vila e áreas próximas. A utilização de frutas e legumes plantados pelos residentes também é muito comum: “aqui tem muita manga, muito cajú, os carros vinham colocavam nas caçambas, até hoje tem um comércio muito bom, que vem lá de trás, os licores, as passas, os doces” (Dona Rosa, 2020). Para complementar, uma outra moradora ressalta, em outra entrevista, sobre os doces de frutas e compotas produzidos na Vila: “o doce de cajú daqui é muito bom, a passa é feita a lenha” (D. Lurdes, 2020)³

O uso de peixes e frutos do mar obtido por meio da pesca nas redondezas são elementos recorrentes, por ser uma vila de pescadores o ato de pescar está intimamente relacionado com seu modo de vida.

³ Dona Lurdes é uma moradora que trabalha com vendas de cocadas caseiras e água e mora com seu esposo e filhos na Vila de Nazaré. Entrevista realizada em nov. de 2020.

Sobre a pesca e seu uso na culinária local D. Maria ⁴(2020) fez o seguinte comentário: “gosto de pescar, ainda pesco, sabia? Gosto muito de pescar, pra mim não tem uma terapia melhor”. A pesca e seu uso na culinária da Vila vem de uma forma bem presente por ser uma vila de pescadores, essa relação pode ser percebida na figura 12.

Figura 12 - Bar localizado na Vila de Nazaré e seus pratos.



Fonte: Claudia Santos (2020).

A importância destes produtos tradicionais na região e circunvizinhanças, é imensurável. A interação dos moradores com estes alimentos, seja na sua comercialização, preparo e manuseio dos ingredientes fortalece a economia local e mostra-se ainda como uma ferramenta necessária na preservação cultural da memória do lugar.

⁴ Dona Maria é uma habitante nativa da Vila de Nazaré, possui 65 anos, é pescadora e filha de pescadores.

4.3 Monumentos históricos da Vila de Nazaré e suas narrativas com os sujeitos

Outro ponto bem presente na memória e na fala dos entrevistados era sua relação afetiva com os monumentos históricos presentes na área, locais como a Igreja de Nazaré e as ruínas do antigo Convento Carmelita, as ruínas do Forte Castelo do Mar, o antigo farol e as ruínas da casa do faroleiro vinham com um forte teor sentimental, representando os modos de vida.

4.3.1 A IGREJA NOSSA SENHORA DE NAZARÉ E AS RUÍNAS DO CONVENTO CARMELITA

A Igreja Nossa Senhora de Nazaré (figura 13) é um dos monumentos mais atrativos da Vila de Nazaré, inserida no Sítio histórico da Cidade do Cabo de Santo Agostinho ela representa não apenas um contexto religioso, mas também histórico. Apesar da falta de informação concreta do ano de sua criação, existem relatos de sua construção nos estudos do cosmógrafo e piloto Português de nome Manuel Figueiredo no ano de 1614 e no diário de bordo de um navegador holandês no ano de 1623, essas informações de acordo com a FUNDARPE comprovam a existência da Igreja já no final do século XVI (LIMA, 2002).

Figura 13 - interior da Igreja Nossa Senhora de Nazaré



Fonte: Claudia Santos (2020).

Ela é palco de diversas representações no espaço e na vida dos sujeitos, tais como a realização de festas, missas e reuniões com os moradores, aproximando-os do lugar: “tem a missa todo sábado, sempre fui que eu sou católica, graças a Deus, Todo sábado estou na missa” (Dona Maria, 2020).

Quando perguntada sobre a Igreja uma outra moradora respondeu:

A vila de Nazaré pra mim é muito rica! Aqui a gente tem história, aqui a gente tem ponto turístico, a gente tem geografia, tem a religiosidade, e tem a igreja, que eu nasci e cresci dentro de uma igreja, tudo que eu aprendi foi dentro dessa igreja, tudo! Me batizei, me casei, tudo na igreja católica, então aqui não tem nada, mas pra mim tem tudo. (Dona Rosa, 2020)

Ela ainda contém uma importância arquitetônica singular pela sua construção e reforça a relação de identidade dos moradores com o meio, tendo uma relação direta com a comunidade da Vila, tendo não apenas um contexto de uso religioso, como também social e turístico.

Já senhor Caleb⁵ (2020) morador da Vila de Nazaré a cerca de 40 anos e ex-guia da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, fez o seguinte relato sobre a história da igreja, sua relação política e social.

Essa Igreja é uma das mais antigas do Brasil, é a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, é uma edificação portuguesa construída em duas etapas, onde a primeira parte, parte da cúpula, que é o altar em 1597, a parte da frente foi concluída em 1679, uma das provas disso, que os portugueses que construíram se encontra no piso dela, que a maior parte daquelas pedras são originárias, vindas de Portugal, onde lá se tinham tijoleiros e adaptaram isso pro Brasil, você pode até ver, ela foi construída estilo forte, como uma fortaleza de guerra, ela tem umas aberturas que levam o nome de ceteras, onde os guardas ficavam armados por dentro da Igreja, pra evitar invasão no período da guerra, construíram no modelo de beira, eira e tribeira, ai tu me pergunta, o que era isso? Eram as divisões de classes sociais, eira uma camada de telha na ponta era a classe pobre, beira eram duas camadas de telha na ponta, que era a classe média, e tribeira, que era, três camadas na ponta, a classe rica, ai na hora da missa não se misturava, os ricos assistiam a missa da parte alta da igreja, pois quanto mais alto, mais perto de Deus, e ela tem aquele buraco lá no alto, porque antigamente não tinha energia, ai as igrejas eram construídas de

⁵ Caleb mora na Vila de Nazaré a mais de 35 anos, se mudou ao casar com uma moradora nativa, já foi guia da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré e atualmente trabalha com a produção de licores artesanais. Entrevista realizada em nov. de 2020.

frente pro oeste, é dado o nome olho ocular. [...] Ao entrar na igreja, lá no altar, você vai ver a torre por dentro, toda de alvenaria lá no alto, não tinha energia, não tinha microfone, era pra dar o acústico.

O modelo de eira, beira e tribeira (Figura 14), relatado pelo morador, vem de um contexto de relações de distinções de classes sociais de maneira arquitetônica, essa relação é a mesma que deu origem ao ditado popular “nem eira, nem beira”, e estabelece vínculos sociohistóricos com o lugar, a presença desse modelo de telhado mostra como ocorriam as distinções sociais existentes naquele ambiente. Segundo Arruda (2006) “A eira e a beira foram, conforme o conhecimento popular, usadas para estabelecer distinções sociais entre os que possuíam riquezas suficientes para construir uma casa com telhados ornados [...]”.

Figura 14 - Modelo de eira, beira e tribeira



Fonte: Google Imagens (2020).

Um dos aspectos mais chamativos das ações que são ou que já foram realizadas na Igreja são as festas e seu contexto do sagrado e profano. Seu espaço

vai muito além do religioso, ela oferece ações sociais e esta intimamente ligada ao modo de vida da Vila.

Uma das mais notórias é a festa católica do Padroeiro da Vila de Pescadores, a tradicional festa do Senhor do Bom Jesus dos Passos, que é promovida pelos Frades Carmelitas e celebrada no mês de abril, a festa ganha uma dimensão espacial do sagrado para diferentes grupos sociais.

A festa do Bom Jesus, pense numa festa, aquelas barracas, sabe, tinha a festa profana, tinha a festa religiosa, após a festa religiosa a festa profana, a festa de rua, mas era muito bom, tinha umas barracas, um forró, eu não entrava porque era muito pesado [risos] mas quem vinha de fora e pessoas que já conheciam ficavam, ia até de manhã, quando era de 5 horas da manhã que abria a porta saia muita gente, eu não sei como é que cabia tanta gente ai dentro, muito boa, mas depois com a violência, poucas pessoas pra trabalhar, os bares aumentando, as barracas, tinha gente que pedia pra colocar barraca, barraca de cachorro quente, já tinha uma de espetinho, e a gente como trabalhava na igreja, não dava conta, não tinha como a gente dominar, imagina! Lá de baixo até aqui, tudo cheio de barraca pra 4 ou 5 pessoas olhar, não dava conta não, ai o padre fez uma reunião e acabou com a festa profana. (Dona Rosa, 2020)

Ainda anexada a Igreja estão as ruínas do Convento Carmelita tombado a nível Federal desde o ano de 1961 e o Cemitério ao seu lado datado de 1871. Sobre a relação de pertencimento e permanência com o lugar o S. José fez o seguinte comentário: “da minha casa eu só saio agora pra morar ali no cemitério, eu vim pras terras prometidas, minha vida é muito boa aqui, é aqui que eu trabalho, lugar feito esse aqui pra morar não se encontra em canto nenhum mais”. Essa colocação foi muito comum entre os moradores de mais idade da Vila de Nazaré, como D. Rosa que fez a seguinte afirmação: “eu me acostumei aqui! Eu nasci aqui! E não quero sair não, eu não quero sair daqui [risos] até minha catacumba tá pronta no cemitério aqui do lado.”

Também na entrada do cemitério (Figura 15) existe uma mensagem escrita pelos moradores da Vila com os seguintes dizeres: “Nós que aqui estamos, por vós esperamos”.

Figura 15 - Cemitério anexo a Igreja Nossa Senhora de Nazaré



Fonte: Claudia Santos (2020).

As ruínas do Convento Carmelita apresentam ainda uma grande riqueza não apenas histórica, como também de natureza arquitetônica com grandes arcos, incrementando na paisagem seus aspectos. Sobre as ruínas do convento D. Rosa compartilhou a seguinte lembrança:

Essa igreja pertence aos carmelitas, ai ela ficou fechada, ai o convento foi desmoronando e o mato foi crescendo, não via aquelas pedras, só mato, embaúba, arueira, minha mãe contava que o pessoal tirando lenha, a chuva, o tempo, foi tudo desmoronando, caindo, descobriram que era um convento, e o lphan veio descobrir o que é que era, que era um convento, ai ajeitaram a igreja, fizeram uma reforma pequena, com portas e janelas.

Sendo assim esses locais apresentam grande significância na vida e na história dos habitantes da Vila de Nazaré, tecendo relações com o espaço e dando significados particulares e gerais, fortalecendo o conceito de lugar, gerando sentimentos de pertencimento.

4.3.2 RUÍNAS DA CASA DO FAROLEIRO, FORTE CASTELO DO MAR, E SUAS RELAÇÕES GEOGRÁFICAS E HISTÓRICAS

Outros monumentos históricos muito presentes nas falas dos entrevistados foram as ruínas da casa do faroleiro, local onde aqueles que guardavam o antigo farol dormiam e guardavam objetos e materiais.

O antigo farol fora construído no final do século XIX na parte mais alta da Vila com o objetivo de servir de guia para os navegantes, com o tempo foi desmontando e trocado por um farol mais moderno da marinha por volta do ano de 1940, chamado pelos habitantes de novo farol (MEDEIROS, 2008, p. 58). Sobre a relação da população com o farol e suas lembranças com o local Dona Fátima⁶ uma das moradoras mais antigas, deu o seguinte depoimento: “fiquei até doente, o farol velho foi desmanchado em 1937, pra fazer o novo, eu lembro, lembro do pessoal desmanchando ele todinho”.

Ainda houve o relato de Dona Rosa, filha, neta e bisneta de faroleiros sendo sua própria mãe a primeira mulher faroleira do Brasil, ela nos contou não apenas histórias sobre o antigo farol, mas também sobre sua família, encarregada da guarda do local.

Veja só, pelo que eu me lembro, meus bisavós nasceram aqui na vila de Nazaré, meu bisavô era faroleiro, ele tomava conta do farol, lá em baixo, o antigo farol, que foi depois desativado porque ficava muito próximo ao mar, e quando o inverno e o vento muito forte, muita chuva, trovão, o farol era todo em folha de zinco e amarrado com corda de...de...como é que se chama? Uns ferros assim grossos, que amarrava o farol, e mesmo assim ele balançava muito ai não tinha condições dele subir pra trocar o gás, toda aquela coisa, foi quando fizeram aqui o farol novo, isso em 1938, nessa faixa fizeram esse farol, eu não era nascida ainda não, minha mãe é que contava.

Ainda sobre a importância do farol, as condições de moradia e transporte da área, e a importância do antigo farol para a Vila e para as embarcações a moradora ressaltou:

Minha mãe ficou no lugar do meu pai, assumindo o farol, ela conhecia de tudo, como ele andava muito, porque era difícil transporte aqui, ele passava tudo pra ela, ela sabia tudo, a hora, como fazer, tinham os garrafões de querosene, grandes, grandes, tinham os canos, lá em

⁶ Dona Fátima é uma moradora nativa da Vila de Nazaré, aposentada, possui 89 anos, já foi pescadora. Entrevista realizada em nov. de 2020.

cima tinha uma coisa alta, e tinha o relógio, que marcava a hora que aquele gás estava subindo e quando estava secando, como não tinha luz, aí o farol dava orientação as embarcações, principalmente no inverno, aí quando o farol acendia eles sabiam que era terra. (D. Rosa, 2020)

Ela ainda nos informou que existe um acervo na marinha com as informações referentes a todos os faroleiros que já trabalharam com o farol da Vila de Nazaré. No entanto, a pouca comunicação devido a pandemia.

Segundo a Biblioteca do IBGE o Forte castelo do Mar foi feito para a proteção da capitania, sendo considerado como a edificação militar mais importante do litoral pernambucano. Foi construída pelo arquiteto militar Giovanni Di San Felice, o Conde de Bagnoli e os Luso Brasileiros produzido com a Pedra Granítica da localidade em uma área rochosa bem próxima ao mar, mostrando a beleza do Oceano Atlântico. Suas ruínas se encontram em área aberta e de livre acesso.

O castelo do Mar, eu amo, é o meu Jardim, eu gosto muito do Castelo do Mar, eu gosto muito, e não só de vê-lo de longe, mas também de estar nele, gosto muito de ver todo o visual que só é proporcionado quando você está lá, quando você está no forte. (Dona Fernanda, 2020)⁷

É possível observar dentro do forte e em seus arredores a presença de pichações diversas e pequenas fogueiras (Figura 17), sendo um local bastante utilizado para luais pelos habitantes da cidade, sendo do público mais jovem os principais frequentadores.

Figura 16 - Interior do Forte Castelo do Mar



Fonte: Claudia Santos (2020).

O Forte Castelo do Mar é um monumento histórico de grande importância para a Vila de Nazaré e para a história do Cabo de Santo Agostinho como um todo, ele se destaca não apenas pela sua historicidade, mas também pelos sentimentos gerados, sendo assim é de vital importância sua preservação.

⁷ Dona Fernanda, 49 anos, é dona de um dos bares da Vila de Nazaré que funciona nos finais de Semana. Entrevista realizada em nov. de 2020.

4.4 Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti e sua relação com a Vila de Nazaré

Em relação aos conhecimentos obtidos com os moradores da Vila de Nazaré, foram relatadas dificuldades com a gestão do PMAHC. Problemas como falta de saneamento, segurança, abandono e dificuldade com transporte público/coletivo, foram os principais pontos colocados pelos habitantes da localidade (Figura 17).

Figura 17 - Placa de sinalização do PMAHC em mal estado de conservação



Fonte: Claudia Santos (2020).

Quando foi perguntado sobre a relação e preservação do Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti, foram colocadas diversas críticas sobre sua gestão:

Essa parte eu não sei nem te explicar, porque aqui diz que é do Parque Armando de Holanda Cavalcanti, tem esse hotel, era por 99 anos e era pra ser tudo preservado, tudo limpinho, mas você tá vendo, ali tem a antiga igreja, de 1820 parece, 1800 e pouco [suspira], mas tá coberto por esses matos ai, ninguém liga pra nada, ela tá toda desprezada ali [suspira] tudo desprezado. (Dona Maria, 2020)

Esse relato refere-se à Capela Velha (Figura 17), uma pequena construção que foi erguida para a adoração de Nossa Senhora da Conceição, sem data de registro quanto a sua

criação, tem uma sepultura de seu criador Luis Antonio de Barros, datada de 06 de fevereiro de 1820, sua placa encontra-se caída e com pichamentos que dificultam a leitura.

Figura 19 - Capela Velha



Fonte: Claudia Santos (2020).

Sobre a relação da preservação dos bens naturais e ecológicos existente no PMAHC, foi alegado por uma moradora que:

É um parque, mas deixa muito a desejar, os cuidados, a proteção, entendeu? De vez em quando tem uns incêndios e a gente aqui é quem tem que correr atrás, ajuda a cuidar, a proteger os bichos, já arrumei muita encrenca por causa disso, a gente denuncia quando vai levar preguiças, quatis, saguins. (Dona Nilza⁸, 2020)

A proteção das áreas onde se encontram as Ruínas do antigo quartel da Marinha e das ruínas do Forte Castelo do Mar é feita pela 14^o Batalhão Logístico do

⁸ Dona Nilza, mora na Vila de Nazaré no local chamado o Sítio das Três mulheres a mais de 12 anos. Entrevista realizada em nov. de 2020.

Exército Brasileiro (Figura 19), tendo áreas delimitadas por correntes grossas, onde não é recomendada a entrada por visitantes.

Figura 19 - Placa do Exército



Fonte: Claudia Santos (2020).

Por ser um Parque Histórico é proibida a edificação de construções de moradia e ocupação, sendo trabalho dos órgãos de preservação sua vigilância e aplicação, o que muitas vezes acaba por gerar conflitos dos órgãos gestores com a população local que buscam a apropriação de determinados espaços. Sobre isso uma moradora diz: “vez ou outra tá passando um carrinho da polícia, tem os guardas mas eles só ficam olhando pra ver se você tá construindo, uns 2 dias ou 3 eles aparecem pra derrubar sua casa” (Dona Rosa, 2020). Ela pontuou também sobre a falta de fiscalização nos monumentos históricos: “deveria ter um guarda aqui, um no farol, fazendo ronda, mas não tem não.”

A vigilância se dá por meio de guardas que fazem rondas corriqueiras na área do Parque, na maioria das vezes de maneira motorizada.

O pessoal agora pouco passou aqui em cima, eles fazem rondas, pela manhã e a tarde também, eu acho isso bom, a vigilância, principalmente a gente que é morador de sítio, e lá da Vila mesmo, porque são pouquíssimas pessoas que tem na vila, de toda forma é bem diferente, é bom já que eu moro só. (Dona Fernanda, 2020)

Ainda sobre as rondas da área feitas pelos agentes de preservação do Parque outro residente relatou: “eu acho calmo, tem os guardas né? Não vejo muita coisa não.” (Fábio⁹, 2020).

Devido ao fato de ser uma Vila histórica, a Vila de Nazaré mantém seus aspectos de uma Vila colonial, sendo assim as transformações feitas pelos moradores também são elementos fiscalizados pelos agentes do espaço.

Na questão do parque tem guarda, é, tem né? e tem relação com a gente porque eles fiscalizam a gente em questão dos monumentos, chega nessa questão eles não deixam, eles tem uma fiscalização muito rigorosa junto com o IPHAN pra questão de construções, se bem que tem invasões e tudo, mas eles sempre tão fiscalizando e eles sempre tão por aqui, sempre tem uns guardas [...] e a questão da fiscalização também, eles tiram foto, por exemplo, quando a gente vai pintar uma fachada ou quando vai fazer alguma reforma no telhado, alguma coisa, que é pra não mudar as características, por aqui ser tombado aí a gente não pode mudar muita coisa, tem que ficar essa coisinha assim bem. (Dona Sônia¹⁰, 2020)

A falta de um sanitário público também foi alvo de reclamações. Segundo os moradores entrevistados, os visitantes acabam pedindo para entrar em suas casas para utilizar o banheiro, ou utilizam o banheiro da Igreja de Nossa senhora de Nazaré: “o que não faz bem é essas imundice que tem aqui né? o governo e nada é a mesma coisa, fica tudo sujo, porque se fosse limpo era melhor, né? [...] mas nem um sanitário.” (Dona Maria, 2020)

Segundo os moradores existe pouca vigilância em monumentos que tenham um acesso mais dificultoso, tais como o Forte Castelo do Mar, as Ruínas da casa do faroleiro, assim como também em ambientes mais fechados pela mata como a Bica da Ferrugem.

⁹ Fabio é um morador jovem da Vila de Nazaré, frequentador da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, trabalha nas proximidades. Entrevista realizada em nov. de 2020.

¹⁰ Dona Sônia, 37 anos, ex-moradora da Cidade de Lagoas dos Gatos se mudou para a Vila de Nazaré para trabalhar com artesanato. Entrevista realizada em nov. de 2020

4.5 Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti e a Vila de Nazaré no contexto da Covid-19

O ano de 2020 foi/está sendo marcado por um acontecimento mundial de grande magnitude, uma pandemia. A existência da Covid-19 impôs ao mundo uma série de medidas e de restrições comportamentais consigo, com o outro e com o espaço ao qual os indivíduos circulam. Seus efeitos perpassam a área da saúde, tendo também implicações sociais com o espaço, tais como as medidas de distanciamento, o isolamento social, e o uso de máscaras.

Devido a isso, foi perceptível na fala dos entrevistados a transformação das relações dos moradores e visitantes com o PMAHC e com a Vila de Nazaré, assim como da relação entrevistadora e entrevistados, tomando-se todos os cuidados cabíveis durante as entrevistas realizadas, como o distanciamento com os residentes, o uso da máscara e também do álcool em gel.

Os moradores informaram que houve uma diminuição do número de turistas na Vila de Nazaré e nos espaços referentes ao Parque Metropolitano de Holanda Cavalcanti. No entanto, com a diminuição das medidas de restrições sanitárias os turistas começaram, gradativamente, voltar a frequentar a área (Figura 20)

Figura 20 - ônibus de viagem turística presente próximo a Igreja



Fonte: Claudia Santos (2020).

Segundo os moradores, muitos dos visitantes e alguns agentes do espaço recusam-se a utilizar máscaras: “não fazem nada, a prefeitura, o povo chega aqui sem máscara, a menina ali da frente botou um pra correr (risos) porque chegou sem máscara” (Dona Rosa, nome fictício, 2020).

Ainda sobre o contexto turístico relacionado a pandemia uma moradora afirmou:

Aqui podia ser o lugar que vem mais turista no mundo, se você ver, todos os dias, sábado e domingo, segunda a sexta, se você ver o que vem de gente de fora, nessa pandemia que parou, mas é muita gente de fora, é muita gente de fora que vem por aqui, é muito visitado. (Dona Maria, 2020)

A pandemia provocada pelo Covid-19 acabou gerando não apenas redução de pessoas que buscam conhecer a Vila de Nazaré, mas também gerou insegurança nos moradores, a falta do uso de máscara e de fornecimento de álcool em gel foram bastante mencionados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa buscou compreender as diferentes relações existentes entre os moradores da Vila de Nazaré com o Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti, verificando como os indivíduos se relacionavam e se apropriavam do lugar, quais os sentimentos atribuídos e quais as formas de utilização daquele espaço para aquela população.

Apesar da interferência da pandemia no estudo realizado, pôde-se ter um retorno satisfatório quanto a obtenção dos objetivos da pesquisa, ficando evidenciado como acontece a ação e reprodução das relações existentes, a ligação dos monumentos históricos com o modo de vida da população local, os aspectos de relações socioculturais presentes desde o início da criação do povoado de pescadores, as relações estabelecidas entre os moradores e o poder público e privado que regem o Parque Histórico.

A relação de pertencimento se encontra de maneira forte na Vila de Nazaré com toda a sua dinâmica histórica com o espaço geográfico. Sendo assim, foi possível identificar os processos dos âmbitos relacionados às práticas socioespaciais.

A maioria dos relatos dos residentes da Vila de Nazaré evidenciaram a relação de lugar e de pertencimento, utilizando não apenas suas lembranças, mas também histórias e conhecimentos que remetem ao passado do local, destacando elementos como a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré e sua relação com a comunidade, do cemitério como um ponto de permanência, da gastronomia e das preparações ali existentes com o passado.

A população reconhece a importância do espaço e se relaciona de maneira intensa e singular, revelando histórias, sentimentos, ações, demonstrando com intensidade as diferentes experiências de vida obtidas pelo contato com o meio, destacando a materialidade e a imaterialidade do lugar.

Os participantes ressaltaram o sentimento de estima e admiração com a Vila de Nazaré, demonstrando o apreço existente, seu vínculo histórico se encontra presente nas representações e apropriações do espaço, percebendo um sentimento com o lugar ainda mais intenso nos moradores de mais idade, filhos e netos de

residentes antigos que muitas vezes trabalhavam na pesca ou na manutenção dos monumentos como a casa de farinha e o farol de Nazaré.

Os relatos dos moradores evidenciam que não sentem vontade mudar da Vila de Nazaré, considerando-a um lugar calmo e de beleza singular, valorizando as diferentes particularidades existentes no Parque Metropolitano e na Vila de Nazaré.

Ainda foi possível perceber nos relatos dos habitantes do povoado a relação estabelecida entre os órgãos envolvidos na preservação do patrimônio, como o Complexo Portuário Industrial de Suape, a prefeitura municipal do Cabo de Santo Agostinho e a Marinha do Brasil, muitas vezes de conflito devido a diferença de interesses sociais.

Outro ponto observado foi a dificuldade dos habitantes com elementos como transporte público, falta de cumprimento das obrigações advindas do momento de pandemia, como o uso de máscara por turistas, recolhimento de lixo e a necessidade de um banheiro público, necessitando assim de uma manutenção mais efetiva na área do Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti. Quanto a relação dos agentes públicos e privados com a conservação dos bens históricos presentes no espaço foi evidenciado que alguns monumentos como a antiga capela e o Forte Castelo do Mar se encontram em estado de abandono, sendo muitas vezes alvos de pichações e destruição nos seus locais de sinalização.

Todos esses aspectos constataam o vínculo dos moradores da Vila de Nazaré com o lugar que vivenciam, pois demonstram preocupação com a manutenção, cuidado e preservação daquele espaço, conhecimento histórico e cultural do lugar, além das diversas formas de relações socioespaciais e afetivas experienciadas no cotidiano.

Apesar das diversas relações existentes na Vila, da qual seria necessário um maior aprofundamento das questões aqui iniciadas, fica evidente que a Vila de Nazaré e o Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti, desenvolvem uma forte relação com os seus habitantes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cyntia. Lugar de memória memórias de um lugar: **patrimônio imaterial de Igatu, Andaraí, BA**. PASOS. Espírito Santo, Vol. 6, n. 3, p. 2, 2008.

ARRUDA, Gilmar. O Patrimônio Imaterial: a cidadania e o patrimônio dos “sem eira nem beira”. **Diálogos** - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós Graduação em História, v. 10, n. 3, p. 118, 2006.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARTOLY, Flavio. Debates e perspectivas do lugar na geografia. **GEOgraphia**, v. 13, n. 26, p. 66-91, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13625/8825>. Acesso em: 10.jun.2020.

BECHKER, H. A. **Observation by informants in institutional research**. Quality & Quantity, v. 6, p. 158-169, 1972.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BIBLIOTÉCA DO IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=448465&view=detalhes>. Acesso em: 04.dez.2020.

BOVO, Marcos Clair; LEMES, Lúcia Korczovei. **Os Caminhos Do Nosso Dia A Dia: A Importância De Conhecer O Lugar Onde Vivemos**. Paraná, 2013.

BRASIL. **PAC 2 Cidades Históricas**. Brasília: Ministério da Cultura, 2012-2014.

CÂMARA MUNICIPAL DO CABO DE SANTO AGOSTINHO. **Parque Metrôpolitano Armando de Holanda Cavalcanti é tema de audiência na Câmara**. Disponível em: <https://www.cabodesantoagostinho.pe.leg.br/institucional/noticias/parque-metropolitano-armando-de-holanda-e-tema-de-audiencia-na-camara>. Acesso em: 28.nov.2020.

CANCLINI, Néstor García. **O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 23, p. 95-97, 1994.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARTA DE VENEZA. "**Carta internacional sobre conservação e restauração de monumentos e sítios**." II Congresso internacional de arquitetos e técnicos dos monumentos históricos. 1964.

CERTEAU, Michael De. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis-RJ, Vozes, 1994.

CLAVAL, Paul. "O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana." In: ROSENTHAL, Z. CORRÊA, R. L. (Org.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

———, Paul. Uma ou algumas abordagem(ns) cultural(is) na Geografia Humana! In:

SERPA, Ângelo (Org.). **Espaços Culturais**: vivências, imaginações e representações. Salvador: Edufba, 2008. P.13-29.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988.

COSGROVE, Denis. **Mundos de significados: Geografia Cultural e imaginação**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.) Geografia cultural: um século (2). Trad. Tania Shepherd. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

CPRH, Agência Estadual de Meio Ambiente. Disponível em: <http://www.cprh.pe.gov.br/downloads/pnma2/projeto-orla-cabo/3.2.3.1parque-metropolitano-armando-holanda-cavalcanti.pdf> acesso em: 19.set.2020.

CRUZ, Cássia Kelly Maria da. **Parques Históricos Da Região Metropolitana Do Recife: Processos De Tombamento E Preservação Do Patrimônio Arqueológico**. Dissertação de Mestrado do Curso de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2016.

DIÁRIO DEPERNAMBUCO, **Pesquisa revela Forte do século 17 no Cabo de Santo Agostinho**, atualizado em 25 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2018/06/pesquisa-revela-forte-do-seculo-17.html> acesso em: 04.dez.2020.

FELIPE, Israel. História do Cabo. Arquivo Público Estadual, 1962.

GONÇALVES, Leandro Forgiarini de. **O Estudo do lugar sobre o Enfoque da geografia humanista**: um lugar chamado Avenida Paulista. Dissertação de Mestrado do Curso de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista anglo-saxônica - de suas origens aos anos 90. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 55 (1/4), p. 109-146, 1993.

———, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, v. 5, n. 10, 2003.

LEAL, Sarah Floresta. **PAC - Cidades Históricas [manuscrito]: implicações e repercussões de uma política pública federal de preservação**, 2017.

LEITE, Cristina Maria Costa. **O lugar e a construção da identidade**: os significados construídos por professores de geografia do ensino fundamental, 2012.

LIMA, Flávia Viviana Cavalcanti Gonçalves de. **A tomada de decisões referente ao uso de uma atração turística: estudo de caso sobre a Igreja Nossa Senhora de Nazaré (Cabo de Santo Agostinho-PE)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

MÄNNICH, Carla. **Centro Histórico de Curitiba**: Múltiplas percepções, Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

MEDEIROS, Helen Maria Palmeira. **Significados e conflitos expressos na paisagem cultural do Cabo de Santo Agostinho/PE**. Recife, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social**. Petrópolis: Ed. Vozes. 2009.

MONTENEGRO, Gisela Amado de Albuquerque. **A GESTÃO DO PARQUE HISTÓRICO NACIONAL DOS GUARARAPES: Análise e proposições**. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa- **Características, usos e possibilidades**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, vol. 1, n. 3, 1996.

PORTA, Paula. **Política de preservação do patrimônio cultural no Brasil : diretrizes, linhas de ação e resultados : 2000/2010**. Brasília , 2012.

PREFEITURA DO CABO DE SANTO AGOSTINHO. História da Cidade. Consultado em setembro de 2020.

SANTANA, Gisane Souza; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Identidade, memória e patrimônio: a festa de Sant'Ana do Rio do Engenho, Ilhéus (BA)**. Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **A comida como lugar de história: as dimensões do gosto**. História: Questões & Debates, Curitiba: Ed: UFPR, n. 54, p. 108, 2011.

SASAKI, Karen. **A Contribuição da Geografia Humanística para a Compreensão do Conceito de Identidade de Lugar**. RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico. Salvador, 2010.

SILVA, Ana Cláudia da. **Transformações e permanências do lugar: um olhar sobre a vila da fábrica, Camaragibe - PE**. Recife, 2019.

STANISK, Adelita; KUNDLATSCH, Cesar Augusto; Pirehowski, Dariane. **O conceito de lugar e suas diferentes abordagens**. Revista Perspectiva Geografica, v. 9, n. 11, p. 6, 2014-2015.

SUAPE – Complexo Industrial Portuário. **Novo Plano Diretor Suape 2030**, 2016.

SUESS, Rodrigo Capelle, **Geografia Humanista e ensino-aprendizagem: Perspectivas em Formosa-GO**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de oliveira. DIFEL: São Paulo, Rio de Janeiro, 1980.